

ENTRE O CAMPO E A CIDADE: BRASIL E PARAGUAI EM MEMÓRIAS E NARRATIVAS ORAIS DE MIGRANTES TRANSFRONTEIRIÇOS (SANTA HELENA – PR, DÉCADAS DE 1990 E 2000)

Jiani Fernando Langaro¹

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir as maneiras como Brasil e Paraguai são narrados por brasileiros que se dirigiram para o leste do Paraguai e, posteriormente, retornaram ao Brasil, mais precisamente para a cidade de Santa Helena – PR. Chamados regionalmente de *brasiguaios*, costumam sofrer preconceito, sendo tratados como quem não teria o direito de viver no país. A partir do recurso à história oral, busca-se compreender as projeções desses sujeitos sobre o Paraguai, visto como o *lugar de atraso* e sobre o Brasil, tido como *lugar promissor*, conceitos que envolvem também certa compreensão de *campo* e *cidade*. Analisam-se os sentidos políticos que essas memórias e narrativas orais possuem, tornando-se meios para a reivindicação de direitos por parte dessas populações.

Palavras-Chave: História e memória; brasiguaios; oeste do Paraná; campo e cidade.

BETWEEN COUNTRYSIDE AND THE CITY: BRAZIL AND PARAGUAY IN MEMORIES AND ORAL NARRATIVES FROM CROSS-BORDER MIGRANTS (SANTA HELENA – PR, 1990s AND 2000s)

Abstract: The main purpose of this research is to discuss the ways Brazil and Paraguay are narrated by Brazilians who have been to Eastern Paraguay and, later, come back to Brazil, more precisely, to Santa Helena – PR. Regionally called “*Brasiguaios*”, they usually suffer prejudice, are treated as people who wouldn’t have the right to live in the country. From the resource to the real story, some attempts are made to understand these people juts on Paraguay, which is seen as an undeveloped country, and Brazil, seen as a land of opportunities. These concepts also involve certain city and country comprehension. The politics senses that these memories and oral narratives have are analyzed, becoming means to claim these populations’ rights.

Keywords: History and memory; *brasiguaios*; west Paraná; city and countryside.

¹ Bacharel e Licenciado em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU e doutor nesta mesma área pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. Professor adjunto do curso de História da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

Introdução

As relações entre Brasil e Paraguai são marcadas historicamente por tensões e conflitos, além de relações que historicamente subordinaram o país platino. A imagem que circula contemporaneamente no Brasil sobre o Paraguai – entre os diferentes grupos sociais e também veiculada pela mídia –, geralmente o apresenta como uma nação pobre, economicamente “atrasada” e, portanto, “inferior”. Imagens negativas do Paraguai também permeiam o cotidiano das populações fronteiriças do Brasil e, neste artigo, analisaremos as recordações e narrativas orais de dois trabalhadores que foram viver no país vizinho, entre as décadas de 1970 e princípios da de 1990 e que retornaram ao Brasil, no decênio de 1990. Ambos efetuam uma contraposição entre Brasil e Paraguai, caracterizando o tempo vivido neste país como de dificuldades e privações. A partir da ótica da História Social, problematizaremos as narrativas dessas pessoas, no sentido de que, a despeito de caracterizarem suas vivências como típicas de um país ou outro, nos revelam uma gama de significados que atribuem sentido às relações de classe *experimentadas* e ao viver e trabalhar no campo e na cidade.

Nossos objetivos, neste trabalho, é estudar as trajetórias das famílias dos trabalhadores entrevistados, desde o período em que viviam no Brasil até sua partida para o país vizinho; as formas como os narradores vivenciaram e como lembram as experiências obtidas no Paraguai; seu reingresso no Brasil e as maneiras como significam a experiência de cruzar a fronteira. Por fim, discutiremos os sentidos das recordações negativas sobre o Paraguai. Alertamos, porém, que não pretendemos centrar nossa análise no aspecto étnico ou identitário nacional – embora essas questões façam parte da realidade estudada e em alguns momentos se façam presentes neste trabalho –, uma vez que outros estudos, que citaremos ao longo deste texto, já realizam tal intento, que fugiria aos limites deste artigo. O foco da abordagem reside na análise das memórias e narrativas dos trabalhadores brasiguaios com quem dialogamos, em busca de compreender o que significou, para suas trajetórias de vida e trabalho, atravessar a fronteira entre Brasil e Paraguai.

Vale frisar que nos deparamos com essas questões em nossa pesquisa de mestrado,² cujo objetivo principal não era discutir os deslocamentos pela fronteira, e

² O presente artigo originou-se de pesquisa mais ampla desenvolvida em nível de pós-graduação *strictu sensu* mestrado em História Social, realizada na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), sob orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida, financiada pelo CNPq. Uma versão resumida e preliminar deste trabalho foi apresentada no **XXV Simpósio Nacional de História: História e Ética**, promovido pela Associação Nacional de História, em 2009, na cidade de Fortaleza – CE. Agradecemos a todos que contribuíram com o debate, cujas intervenções auxiliaram na construção deste novo texto.

sim explorar as *muitas memórias* (FENELON; CRUZ; PEIXOTO, 2004) em disputa em Santa Helena, região oeste do Paraná, município que, por sua vez, se localiza na fronteira com o Paraguai.³ A partir de diferentes fontes – incluindo a produção de entrevistas orais com 19 moradores locais, sendo eles trabalhadores e/ou integrantes dos estratos médios da sociedade, dos quais cinco haviam residido/trabalhado no Paraguai –, discutimos o fato de parcela da população local não ter suas trajetórias contempladas nas memórias públicas do município, que valorizam apenas os chamados *pioneiros* – migrantes vindos dos demais estados do sul país, antes da década de 1970. Exploramos ainda as maneiras pelas quais os moradores que não integravam este grupo restrito se apropriavam dos marcos de memória produzidos no âmbito oficial para narrar suas trajetórias de vida. Naquela oportunidade, entendemos que tais pessoas buscavam, com esse movimento, construir a legitimidade de suas presenças no município, chamando atenção para a importância de suas contribuições para o lugar. Assim, poderiam reivindicar direitos e legitimar suas demandas no município, detentor de riquezas representadas pelos *royalties* pagos pela usina hidrelétrica de Itaipu,⁴ recursos cuja gestão é centralizada pelo poder público municipal.⁵

Entre as pessoas abordadas na pesquisa, encontramos brasileiros que, principalmente entre as décadas de 1970 e 1990, deslocaram-se para o outro lado da fronteira, onde a maioria trabalhou na agricultura, não raro como pequenos proprietários

³ Emancipado dos vizinhos municípios de Marechal Cândido Rondon e Medianeira, em 1968, Santa Helena conta uma população de 22.794 habitantes, sendo que mais de 10 mil habitantes vivem na zona rural (dados de 2012). Dista pouco mais de cem quilômetros da fronteira com a Argentina e da divisa com o vizinho estado de Mato Grosso do Sul, fazendo fronteira com a República do Paraguai, da qual é separada pelo lago da usina hidrelétrica de Itaipu. A economia local gira em torno da agricultura de grãos para a exportação e da agroindústria, sendo que a cidade serve como ponto de apoio principalmente à população agrícola. A esse respeito ver: IPARDES, 2012.

⁴ O município de Santa Helena foi um dos mais atingidos pela formação do reservatório da usina, por isso, desde a década de 1990, recebe *royalties* de Itaipu, como forma de compensação pelos impactos negativos causados pela obra. A esse respeito ver: CARNIEL, 2003, p. 56. (em nota de rodapé).

⁵ Em 2000, o IDH-M (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) ficou em 0,799 (25º do estado e 586º do país). Em 2010, o PIB (Produto Interno Bruto) municipal, a preços correntes, era de 353.951,00 reais, enquanto o PIB *per capita* era de 15.110,00 reais. Em 2011 a arrecadação de tributos e taxas ficou em 3.104.819,07 reais, somados aos 33.642.711,97 reais repassados pelo governo estadual e federal. Quanto ao repasse de *royalties*, por Itaipu, o valor pago ao município, em 10 de dezembro de 2013, referente àquele mês, foi de 1.032.800,00 dólares, acumulando – desde os princípios dos repasses (1992) - 378,9 milhões de dólares. Analisando os dados, percebemos que o IDH-M do município, apesar de superar o índice estadual (0,786), encontra-se em nível mediano (abaixo de 0,800), sendo que o PIB *per capita* municipal encontra-se abaixo das médias estadual (20,8 mil reais) e nacional (19,7 mil reais). Isso não impede que se construa sobre Santa Helena uma imagem de lugar rico e desenvolvido, muito difundida pelos meios de comunicação e poderes públicos locais e também compartilhada pela população do lugar, conforme observamos em nossa experiência no local. A esse respeito ver: IPARDES. op. cit; IPARDES, 2013a; IPARDES, 2013b. ITAIPU BINACIONAL, 2013; LANGARO, 2006.

rurais, embora também realizassem serviços como diaristas no campo, para fazendeiros daquele local.

Como aponta Baller (2008), a emigração de brasileiros para o Paraguai fez parte de um projeto de desenvolvimento da ditadura do General Alfredo Stroessner (com ênfase nas décadas de 1970 e 1980), chegando a comunidade brasileira a representar cerca de 10% da população paraguaia. Segundo Silva (2010), empresas colonizadoras paraguaias venderam lotes rurais para brasileiros, processo que foi seguido, nas décadas de 1980 e 1990, de concentração fundiária (no Paraguai e no Brasil), advinda da mecanização da produção. A autora também aponta que houve um grande afluxo de trabalhadores rurais pobres (na década de 1980) para o Paraguai, que foram trabalhar no cultivo de hortelã e ali viveram como “posseiros”. Com o advento da produção mecanizada de soja, no Paraguai, sofreram pressão para comprarem as terras – já supervalorizadas pela especulação imobiliária – ou para deixá-las.

A soma de tais fatores foi responsável pelo grande movimento de brasileiros que regressaram ao Brasil, nos fins do século XX. As cidades de fronteira no oeste do Paraná, como Santa Helena, foram destinos comuns para muitas dessas pessoas, chamadas de “brasiguaios”.

O termo “brasiguai” é de difícil conceituação. De acordo com Baller, existem diferentes maneiras de se compreendê-lo, podendo designar tanto os brasileiros que viveram no Paraguai e retornaram ao Brasil, como aqueles que se radicaram no país vizinho:

Para os especialistas e pesquisadores brasileiros que trabalham o tema, o brasiguai é compreendido como o migrante brasileiro que foi ao Paraguai e não conseguiu se reproduzir enquanto agricultor. Sofreu o desgaste de décadas de trabalho em terras estrangeiras e posteriormente retornou ao Brasil, fomentando as periferias das cidades do oeste paranaense e/ou a população do movimento de trabalhadores sem terras, e por último ainda vive em condições precárias no país vizinho ou no Brasil.

[...]

Por outro lado, a maioria dos pesquisadores paraguaios, salvo algumas exceções, como o sociólogo Ramón Fogel compreendem como brasiguaios todos os brasileiros que foram ao Paraguai desde o início do movimento migratório que deriva do final da década de 1950, adentrando as décadas seguintes.

Outra percepção desse novo indivíduo que habita os dois países e é dinamizador do espaço fronteiro vem da imprensa, que amplia a noção de quem possa ser o brasiguai. Tanto a imprensa brasileira como a paraguaia não procuram especificar quem ele realmente seja aumentando a disposição de pessoas que queiram ou não, são

introjetadas enquanto brasiguaios no cenário social. (BALLER, 2008, p. 163-164).

Como aponta o autor, existem duas maneiras distintas de se conceituar “brasiguaiio”, as quais se fundamentam na história da presença brasileira na região e na forma como foram construídas nas relações sociais. Entre os pesquisadores brasileiros, o termo corresponde aos trabalhadores pobres que retornaram ao país, após insucessos em terras paraguaias. Já no país vizinho e na mídia brasileira, a compreensão do “brasiguaiio” não se relaciona a distinções de classe, sendo designados assim todos os brasileiros que se dirigiram ao país vizinho, compreensão que acaba sendo veiculada pela mídia brasileira.

Silva (2010), em sua dissertação de mestrado, também conceituou o termo em questão, cuja origem ela historicizou:

É nesse contexto que surge o termo “brasiguaiio” para identificar as experiências de retorno, via MST [Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra]. O termo foi a expressão e bandeira de luta dos migrantes e também assim foram representados pela imprensa, que levou a situação vivida por eles ao conhecimento de todo o país. Muitos deles venderam ou entregaram seus bens adquiridos, ou simplesmente foram perdidos na própria migração, e se lançaram com a certeza de que seria o melhor ou único caminho para conseguirem ser pequenos proprietários em solo brasileiro. (SILVA, 2010, p. 17. Acréscimos nossos).

Segundo a autora, muitos trabalhadores do campo emigrados para o Paraguai, nas décadas de 1970 e 1980, retornaram ao Brasil, entre os decênios de 1990 e 2000, na condição de trabalhadores rurais sem-terra, acabando por se integrar aos movimentos brasileiros de luta pela reforma agrária, como o MST. Nesse contexto, o vocábulo “brasiguaiio” foi forjado na experiência desses trabalhadores no movimento, e passou a ser adotado por tais sujeitos como forma de dar visibilidade às suas demandas. Portanto, trata-se de um elemento identitário desse grupo, e não de uma designação elaborada de maneira puramente externa a ele.

Marcia Anita Sprandel (2006), por sua vez, também discute o termo *brasiguaiio*. A autora efetua uma *cartografia* dos trabalhos que discutem os “brasileiros na fronteira com o Paraguai”, indicando as diferentes linhas seguidas por estudiosos que tratam da questão, bem como aponta para as suas diversas formas de abordagem. Salta aos nossos olhos sua perspectiva, que trata os “brasiguaios” como um grupo étnico de fronteira, sendo as categorias *etnicidade* e *identidade nacional* centrais em seu estudo. É muito

significativo o alerta efetuado pela autora, acerca do potencial homogeneizante do termo “brasiguai”, que abriga pessoas de diferentes classes sociais – desde trabalhadores rurais arrendatários até latifundiários –, em condições legais diversas – como aqueles que possuem cidadania paraguaia e outros, que são considerados imigrantes ilegais –, dentre outras questões. Diante disso, Sprandel não usa o termo “brasiguai” e opta por “brasileiros na fronteira com o Paraguai”, para evitar a homogeneidade evocada por aquele conceito.

Com base nesses apontamentos, podemos afirmar que o termo “brasiguai” suscita significados diversos. Nas pequenas cidades do oeste do Paraná, chegou a adquirir conotações pejorativas, sendo entendidos como “brasiguaios” os trabalhadores pobres, considerados como cidadãos de segunda categoria, não portadores de direitos. Como aponta Baller (2008, p. 16), os “brasiguaios”, em seu retorno, entre fins do século XX e princípios do século XXI, como trabalhadores pobres, que aumentam a população das periferias das cidades da fronteira ou engrossam as fileiras dos movimentos em prol de reforma agrária, “já não eram mais reconhecidos como brasileiros e, portanto, vêm seus direitos de cidadania serem questionados e sua identidade nacional ser deteriorada”. Servem como pretexto para esses preconceitos e processos de exclusão a dinamicidade e fluidez dos movimentos dos “brasiguaios” pela fronteira, pois, como lembra Silva (2010), retornar nem sempre significa romper totalmente os vínculos com o país vizinho.

Diante de todas essas questões, neste texto trataremos especificamente as narrativas e memórias de dois *trabalhadores brasiguaios*, que não adquiriram grandes posses no país vizinho – tendo eles e/ou suas famílias chegado ao máximo à posição de pequenos produtores rurais ou comerciantes – e retornaram ao Brasil em condições de pobreza. Não se tratam de agricultores que emigraram com capitais para investir e nem de sojicultores que se tornaram latifundiários no país, como veremos adiante. É preciso pontuar, também, que o termo “brasiguai” é nosso, uma vez que ambos entrevistados se identificam como brasileiros que viveram alguns anos de suas vidas no Paraguai.

Eles são: Paulo, que na época da entrevista (realizada em 2004) contava 32 anos, havia emigrado para o Paraguai em 1991 e retornado em 1996, abandonando o trabalho no campo para se profissionalizar na construção civil. Na época da entrevista era construtor, fazia o ensino médio através da Educação de Jovens e Adultos (à época da emigração possuía a quarta série completa do ensino fundamental). Ele é casado, pai de uma criança; no Paraguai era sócio-proprietário das terras – embora também trabalhasse

como diarista rural, nas propriedades de fazendeiros vizinhos –, enquanto no Brasil começou a trabalhar como servente de pedreiro – a convite de seu cunhado, que morava em Santa Helena e era mestre de obras –, tendo ascendido profissionalmente a construtor. O outro trabalhador é Juarez, na época entrevista (também realizada em 2004) contava 27 anos. Ele emigrou para o Paraguai antes de completar um ano de idade, entre 1977-1978, tendo retornado com seu pai, em 1990 (o restante da família já estava no Brasil, conforme veremos). Na época da entrevista possuía nível superior incompleto, era casado, pai de duas crianças. Ao contrário de Paulo, sua família inicialmente não adquiriu terras com titulação e, apesar da experiência de seu pai com um estabelecimento comercial em um dos locais em que viveram no país vizinho, conforme veremos adiante, eram trabalhadores pobres, tanto no Paraguai como em seu retorno ao Brasil. Porém, ao longo das décadas de 1990 e 2000 ele também viveu – a exemplo de Paulo – melhorias em suas condições de vida, profissionalizando-se como electricista. Ambos viveram experiências de *migrações transfronteiriças* (LAVERDI, 2005, p. 130) e, em 2004, residiam em Santa Helena-PR, tendo em comum terem emigrado de Vila Procópio, povoado rural localizado no departamento de Alto Paraná, distrito de *San Alberto*.⁶

Vale frisar que naquele local ocorreu um grande processo de concentração fundiária, sendo que a maioria dos moradores se deslocou para outras localidades, tanto do Brasil como do Paraguai. Vários desses moradores se encontram, atualmente, no município de Santa Helena, enquanto outros se engajaram nos movimentos de luta pela terra e se encontram em acampamentos/assentamentos do Oeste do Paraná.⁷ Vila Procópio se situa próximo a *Puerto Indio*, que faz fronteira com o Brasil, mais especificamente com o município de Santa Helena.

Entendemos que as narrativas dessas pessoas são de fundamental importância para perceber não apenas suas vivências passadas, no Paraguai, mas a gama de tensões que se desenvolvem em Santa Helena em torno da inserção dos “brasiguaios” nessa sociedade, sendo que as recordações dos narradores nos permitem dialogar com o campo de memórias em disputa na cidade, tema da pesquisa que realizamos no mestrado (LANGARO, op. cit). Além disso, os escolhemos porque as formas como concebem suas trajetórias apresentam pontos em comum: ambos observam de forma

⁶ No Paraguai, departamento equivale a estado ou província, enquanto os distritos se assemelham às municipalidades brasileiras.

⁷ Caberia um estudo específico sobre os moradores de Vila Procópio, ficando como sugestão para pesquisas futuras, uma vez que tal intento excede os objetivos traçados para este trabalho.

negativa as experiências vividas no país vizinho e entendem as mudanças para a zona urbana de Santa Helena – com a consequente mudança de profissão – como uma vitória pessoal. Diferentemente de outros trabalhadores “brasiguaios” que entrevistamos em pesquisas anteriores (Ibid; LANGARO, 2003), Paulo e Juarez não se lembravam do tempo vivido nas zonas rurais do Paraguai como algo bucólico, ou como uma experiência com a qual se identificassem. Nesse sentido, compreendemos que ambos eram *representativos* (PORTELLI, 1996) de uma tendência existente no interior dessa sociedade – e também dentro do conjunto daqueles designados “brasiguaios” – de trabalhadores que utilizavam suas recordações sobre a vida no país vizinho como forma de afirmação em Santa Helena, e como recurso para disputar espaço nessa cidade. Naquela pesquisa, constatamos que outros trabalhadores locais faziam movimento semelhante, porém, a partir de referenciais diferentes – como o sofrimento para se estabelecer em Santa Helena, o tempo de permanência no município, as adversidades enfrentadas quando do período de crise dos anos 1980 (principalmente após a construção da usina de Itaipu). Assim, as narrativas desses “brasiguaios” se configuravam em uma tendência original, dentro desse movimento mais amplo dos grupos populares locais.

Compreendemos ainda que o uso de duas entrevistas já é suficiente para o desenvolvimento de nossa proposta, para a qual muito nos auxiliam as reflexões de Alessandro Portelli acerca das memórias e das narrativas orais, principalmente com seu conceito de *possibilidade*:

[...] a palavra-chave aqui é possibilidade. No plano textual a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que acontece materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possa suceder. E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada. (Ibid., p. 70).

As memórias e narrativas orais, apesar de serem individuais, descortinam elementos socialmente compartilhados, como tensões, conflitos, expectativas e conciliações. Esses componentes do horizonte de vida das pessoas são revelados por meio de uma dimensão subjetiva, ou seja, pela leitura individual de questões e elementos que são vividos por outros tantos sujeitos.

Sendo assim, para dar conta de nossos intentos, dividimos este texto em duas seções, uma primeira em que discutimos as lembranças sobre a vida nos narradores e suas famílias no Paraguai e, uma segunda seção, que se concentra na mudança para a cidade de Santa Helena e suas inserções no trabalho urbano.

A vida no Paraguai: relatos de adversidades

Entre as décadas de 1970 e 1990 – período de emigração dos entrevistados para o Paraguai –, ocorreram diversos processos de transformação da vida no campo, no Oeste paranaense, os quais já mencionamos anteriormente, e analisaremos melhor nas páginas seguintes, à luz das entrevistas discutidas neste trabalho. Como fica notável na obra de Laverdi (2005), se, nas décadas de 1950 e 1960, o Oeste paranaense foi uma região para onde migraram muitos agricultores que sonhavam em se tornar proprietários – ou mesmo conquistar áreas maiores para repartir para seus filhos como herança – e trabalhadores rurais não proprietários, nas décadas seguintes, esses sujeitos tiveram que buscar alternativas. Em virtude das dificuldades em permanecer no campo, muitos deles tiveram que improvisar sua sobrevivência dirigindo-se às áreas urbanas, enquanto outros recorreram a novas migrações, algumas *transfronteiriças*. Esse é o caso de Paulo e de Juarez, cujas entrevistas trabalharemos a seguir.

Paulo nasceu na região oeste do Paraná, mais especificamente na zona rural do município de Santa Helena. Aos nove anos de idade, sua família deixou essa região para morar em Rebouças, no centro-oeste paranaense, em virtude da família ter sofrido desapropriação da área rural que possuíam, para a construção da usina hidrelétrica de Itaipu. Aquele município foi destino comum de muitos agricultores desapropriados do Oeste do Paraná, onde havia terras pouco férteis, porém a preços acessíveis para quem contava com o dinheiro da indenização recebida.

Sua mudança para o leste do Paraguai ocorreu em 1991, quando possuía 19 anos de idade. Segundo relata, foi para lá a contragosto, pois seus irmãos, que administravam os negócios da família, compraram uma área de terras no país vizinho – a exemplo de outras pessoas que moravam em sua vizinhança – e o designaram para tomar conta da pequena propriedade, enquanto eles e sua mãe (já divorciada de seu pai) permaneceram em Rebouças. A área possuía titulação e Paulo, que inicialmente havia emigrado sem a documentação legal, adquiriu o visto da imigração paraguaia, não existindo problemas legais envolvendo as terras ou sua permanência ali. A compra foi uma forma de

viabilizar a permanência da família no campo, uma vez que eram oito irmãos para dividir uma área de quatorze alqueires paulistas (em Rebouças), não sendo suficiente para que todos sobrevivessem da terra.

A respeito da zona rural de Vila Procópio, no leste do Paraguai, caracterizada por Paulo como lugar habitado majoritariamente por brasileiros, sua narrativa é marcada pelas dificuldades ali vividas:

(...) se, abusasse um pouquinho você passava fome. E aí, como não tinha dinheiro para eu comprar chaleiras, né, eu peguei e abri umas latas de azeite, e coloquei um cabinho assim de... de araminho por cima, e a gente esquentava água naquela chaleira. E aí não tinha a panela para cozinhar mandioca, que a... mandioca era [cozida n]a panela mais grande, a gente cozinhava, eu cozinhava dentro de um balde de alumínio (...), e aquelas panelas, [em] uma eu cozinhava feijão, [n]a outra arroz, e [n]a outra carne. (...) E ali a gente viveu um... o que mais ou menos uns... até a safra mais ou menos do outro ano, (...) o meu irmão mais velho morou um tempo junto [comigo], aí... [tosse] dividimos a metade, compramos uma chaleira, à meia [em sociedade]. Então já deu uma melhoradinha. (...) Passado mais um tempo, a gente comprou mais umas panelas e... aí depois [de] passado um tempo ele.. ele se mudou daí, ele comprou um pedaço de terra, ele se deu bem (...). Quem sabe se, talvez se eu tivesse entrado com mais recursos também eu teria, ficado melhor. Mas a gente entrou com pouco, aí eu levei, esse colchão velho (...) nem bicicleta eu não levei, não levei nada, nada, e aí a gente, sofria porque, a primeira vilazinha para comprar um... pacote de farinha ou... um pacote de açúcar ou sal, qualquer coisa que fosse, dava sete quilômetros longe (...).

O relato de Paulo sobre o leste do Paraguai é pontuado por uma sucessão de dificuldades, como a falta de móveis e utensílios domésticos em sua casa, além da ausência de energia elétrica, que o forçava a adotar certos hábitos alimentares, como salgar muito o feijão ou fazer charque⁸ com a carne, para que não estragassem, conforme veremos melhor adiante. As falas sobre o desconforto de sua vida, nesse local, são muito fortes e assumem a tônica da entrevista – nas passagens que trata do Paraguai –, concentrando-se ele nos momentos de sua instalação no país vizinho.

Em outro momento, ao tratarmos de seus hábitos alimentares – tanto do passado como do presente –, Paulo retornou a esse tema, discutindo novamente as privações vividas em terras estrangeiras. Nesse momento, fala do período em que já estava casado, quando sua esposa estava grávida, o que reforça a dramaticidade das situações narradas:

(...) Tanto que nem lá no Paraguai, também, né. No Paraguai eu tive épocas lá, que... [tosse] até inclusive quando... [tom mais baixo] eu

⁸ Para não estragar, a carne é salgada e conservada em meio à banha.

estava ca... com a ca mi, com a minha [volta tom normal] ex-mulher, ela estava... grávida, né, e a gente não tinha da onde tirar... é... o pão. A gente, não tinha serviço, eu tinha plantado uma soja e soja demora quatro meses para dar, ah, tinha plantado um milho também, para dar antes, o milho acabou demorando mais do que a soja, e a gente comia... na época... é... comemos... quando tinha azeite, a gente cozinhava mandioca e fritava, a mandioca no azeite. E aí comia, e aí quando acabou o azeite, eu tinha... ainda sobrado um pacote de açúcar de cinco quilos... a minha sorte foi que eu plantei bastante abóbora. Aí a gente comia abóbora de manhã, de meio-dia e de noite, e até... graças a Deus a... [nome da filha omitido pelo autor], né, que era, a filha que ela [a ex-esposa] estava esperando, [tosse] nasceu, bem saudável. Mas a gente passou uma crise terrível, não tinha nada, não tinha... Quando tinha uma galinha que começava ficar mais ou menos assim, uns frangos, o... gato-do-mato pegava. Porco, eu comprei uma época uma porca lá que era para ser um, uma de raça mais ou menos, mas não prestou para criar. Vaca eu tinha uma [riso] vaca, e aconteceu que nem aquela história que Jesus mandou [riso] jogar [riso] a vaca no peral [ladeira]. Deu aftosa na vaca e matou a vaca [risos]. Então foi triste mesmo e aí... a gente, lutava, até que tinha serviço por dia trabalhando de diarista eu ia e trabalhava. Quando eu tinha... serviço de... [limpa garganta] época de... apuros de serviço em plantio... arar a terra eu trabalhava de tratorista. Aí a gente, quando era época de colheita trabalhava com a ceifa [colheitadeira], de ceifeiro. E... mas tinha épocas daí entre meio ali que não tinha nada porque a, o pessoal, não, é, começou limpar as roças com veneno. Então ninguém mais precisava de... de... de, de diarista (...).

O narrador apresenta todo um quadro de dificuldades vivido no campo da alimentação, quando lhe faltou dinheiro para comprar comida – em virtude da falta de trabalho como diarista rural e da falta de produtos para comercializar (a soja e o milho) – e aquilo que poderia ser produzido no próprio sítio – como animais para consumo – eram destruídos por circunstâncias locais, como a febre aftosa – endêmica naquela região – e os gatos do mato, muito presentes no lugar. Paulo se esforça para destacar que tal situação não foi gerada pela falta de zelo com a propriedade, nem pela falta de esforço, mas por elementos alheios à sua vontade. A boa saúde com que sua filha nasceu, no relato, atesta sua capacidade de superar tais obstáculos, indicando como, mesmo tendo vivido tantos problemas, não deixou que sua família padecesse.

Notamos que muitas das adversidades relatadas se referem às condições de vida enfrentadas pelo narrador, compreendidas por ele como decorrentes da situação paupérrima em que se mudou para o Paraguai e à precária estrutura ali existente. Não se referem ao convívio interpessoal, o que não é tratado por Paulo como algo gerador de tensões. Isso porque, conforme aponta: “(...) a gente se sentia como se fosse aqui no Brasil porque... em matéria de pessoas, né, porque (...) só tinha brasileiro”. Paulo construiu sociabilidades com os demais compatriotas – que formavam a maioria da

população de Vila Procópio, muitos dos quais também vivem em Santa Helena e com os quais continua a manter contato –, relatando-nos, em outros trechos da entrevista, que mesmo o lazer naquela localidade não diferia muito daquilo que havia vivido na zona rural do Paraná. Ali, aprende tão somente um espanhol rudimentar, não se naturaliza paraguaio e sua filha nasceu em Santa Helena, onde vivia a família de sua ex-esposa, sendo a criança registrada como cidadã brasileira, prática comum entre os trabalhadores “brasiguaios”. Nesse ambiente, os demais habitantes paraguaios e os possíveis conflitos ali vividos são silenciados, provavelmente como forma de afirmar-se como brasileiro, mesmo tendo vivido anos fora do país, além de evitar dúvidas sobre a boa índole que manteve, em terras estrangeiras.

Na penúltima citação, o narrador contrapõe sua trajetória no país vizinho à do irmão mais velho, que permanece lá até os dias atuais e é apresentado como alguém que “se deu bem”, pois tivera melhores condições financeiras para investir em sua propriedade. Vale frisar que este irmão já trabalhava na agricultura, em separado dos demais, no Brasil, onde acumulou certos capitais, não sendo sócio da área que Paulo cultivava, no Paraguai, tendo emigrado para lá ainda solteiro, ao adquirir uma área própria. Apesar de também ter vivido inicialmente em condições difíceis, tendo morado com Paulo, por certo tempo, com os lucros das primeiras safras, adquiriu mais terras – sem titulação legalizada posteriormente através de acordos com os proprietários legais – e implementos agrícolas, tornando-se próspero, na visão do narrador.

Paulo, por sua vez, possuía uma área rural muito diminuta, cuja propriedade dividia com outros irmãos e, sem dinheiro suficiente para investir, não teria conseguido obter sucesso em tal empreendimento. Ao longo de cinco anos, se casou e teve uma filha. Nesse intervalo de tempo, outros irmãos de Paulo, sócios da área rural, mudaram para aquele local, indo morar junto com Paulo e sua família. Depois de alguns conflitos familiares, ele, a esposa e filha decidiram deixar o lugar e retornar ao Brasil, respondendo ao convite de seu cunhado, que era mestre de obras e lhe ofereceu emprego como servente de pedreiro e com cuja solidariedade pôde contar para aprender a nova profissão. A área de terras do Paraguai ficou com seus irmãos que, posteriormente, a venderam para vizinhos latifundiários. Para além das dificuldades relatadas, a narrativa de Paulo revela dimensões de classe presentes no “fazer-se” (THOMPSON, 1987, p. 9) da “experiência” (Id., 1981, p. 182) de tornar-se agricultor “brasiguai”. Evidencia, dessa maneira, a existência de diferentes lugares sociais

ocupados por tais sujeitos, que se diferenciam entre si, mesmo em se tratando de pequenos proprietários rurais.

Tomar as dificuldades vividas no Paraguai como enredo não é exclusividade de Paulo, pois encontramos elementos semelhantes na entrevista realizada com Juarez. Ele é filho de sergipanos, nascido no município de Matelândia, oeste do Paraná, de onde, antes de completar um ano de idade, a família mudou para o leste do Paraguai. Seus pais deixaram o nordeste do Brasil na década de 1970 e, segundo afirma o narrador, “fugiram” para se casar, pois a família de sua mãe não aprovava a união. Nesse período ela contava 18 anos e o pai, 20. De Sergipe eles mudaram para São Paulo, de onde, após alguns meses, se dirigiram para Matelândia, onde vivia um amigo de seu pai. Além das questões que envolvem motivos pessoais, vale lembrar que o Oeste do Paraná é palco, nas décadas de 1960 e 1970, de intensa migração de trabalhadores vindos das regiões Sudeste e Nordeste do Brasil, não sendo o deslocamento dos pais de Juarez um caso isolado.⁹ Vale lembrar que Matelândia ficou conhecida na região, por ter sido palco de conflitos agrários, onde havia muitos posseiros. Possivelmente o pai de Juarez e o amigo dele se dirigiram para ali a fim de obter uma área de terras para trabalhar. A conquista de uma propriedade rural também estava entre os objetivos da família, ao mudar para o Paraguai, onde entendiam que tal empreendimento seria realizado com maior facilidade. Inicialmente, atuaram na agricultura da região de Vila Procópio, trabalhando com hortelã, na condição de posseiros. Posteriormente, venderam a terra e deixaram o campo, deslocando-se por diversas localidades paraguaias, atuando também em atividades comerciais:

Ó[lha], na verdade, assim o... meu pai (...) ele mudava de ideia com muita facilidade. É... por exemplo, assim, ó[lha] a gente tinha um comércio... [em Vila Procópio] é... daí, antes da minha mãe vir para cá, ele resolveu... parar, o comércio e resolveu mudar para uma outra cidade, chamada Hernandarias, né, fica perto de *Ciudad Del Este*. (...) Daí fomos para Hernandarias, chegamos lá, ele [pausa] resolveu vender... pipoca na, na praça, comprou um carrinho, lá, e resolveu vender pipoca, daí viu que não dava, daí resolveu [pausa] ir para *Ciudad Del Este* vender frutas, lá, e... (...) daí viu que não estava dando certo, voltou de novo para... para esse mesmo [local, Vila] Procópio que a gente morava, onde a gente tinha esse... estabelecimento, voltou para lá e daí foi quando meu irmão ficou doente.

⁹ A esse respeito ver: LAVERDI, op. cit.

Conforme vimos anteriormente, Silva (2010) aponta as dificuldades dos trabalhadores da hortelã em permanecer nas terras cultivadas no leste do Paraguai. Porém, as memórias do narrador evocam as sucessivas mudanças de locais de moradia vendo-as como decorrência exclusiva da vontade de seu pai e de uma suposta falta de planejamento quanto às atividades com que trabalhava. Tais elementos ficam muito evidentes em outro fragmento da entrevista de Juarez:

É, a gente plantava hortelã. E... na verdade, assim, ó[lha], o meu, meu pai sempre teve uma ideia, é... sempre teve vontade de tentar se isolar, sabe, (...) da modernidade, assim, sempre queria ir para um lugar mais isolado. Por isso que [ele e a minha mãe] resolveram ir para o Paraguai. (...) A gente... é... plantava hortelã e daí você via uma terra lá, assim, você podia ir lá e... (...) limpar ela e podia plantar, né, tinha muita terra para pouca gente.

A mudança da família de Juarez para o Paraguai também é interpretada por ele como motivada pelo desejo de seu pai, que teria preferido morar em lugares mais remotos como forma de evitar integrar-se à modernidade. Todavia, essa narrativa nos permite efetuar outras leituras sobre as experiências de deslocamento vividas pelos membros do núcleo familiar do entrevistado, as quais podem ser entendidas como uma busca pela permanência no campo – por meio da obtenção de terras para plantar, quiçá de sua propriedade, para depois repartir entre os oito filhos –, quando seus pais eram jovens e possuíam saúde e disposição para migrar para regiões onde ainda não existia grande infraestrutura instalada, mas que poderiam oferecer terras para si e sua prole. Também podemos compreender as outras atividades em que a família atuou como a improvisação de alternativas para sobrevivência quando o trabalho rural não lhes seria mais possível. Eram, portanto, trabalhadores rurais com pouca escolaridade e baixa qualificação, o que limitava seu acesso ao trabalho urbano. Em virtude das grandes dificuldades verificadas para sobreviver em uma pequena área rural de posses, os pais do narrador, assim como muitos outros trabalhadores, deixaram o campo e migraram para as cidades, sobrevivendo ali de trabalhos precários.

Porém, não é essa a forma como Juarez lembra e narra tais passagens de sua vida e é justamente sobre como ele recorda o tempo em que permaneceu no Paraguai que precisamos refletir. Como já afirmamos, a vida no país vizinho é narrada por ele tendo como ponto de partida as dificuldades lá encontradas. Assim, ressalta principalmente o trabalho extenuante, realizado no campo, quando ainda era criança e adolescente:

A gente mexia, com esse tipo de plantio, plantio de hortelã, e... eu e meus irmãos, minhas irmãs, a gente trabalhava, direto na lavoura, e... passamos por momentos lá difíceis, assim, financeiramente, na alimentação, péssima, sabe, alimentação, assim, era terrível [pausa]. (...) Por isso que... eu tenho mais dois irmãos, que já... nasc[eram], vieram para o Brasil com uns... três anos de idade, e a estatura física deles, é bem maior do que a minha, né, porque... a alimentação deles é... melhor. Daí, na fase, que era para me desenvolver, que eu precisava de vitaminas para me desenvolver, a gente estava lá, trabalhando, se alimentando mal, morando mal, em casas... feitas de... madeira, cobertas com folhas tipo de sapé, aquelas... coberturas, terríveis...

O Paraguai surge na narrativa de Juarez como o lugar do isolamento, de refúgio para quem quer evitar o contato com a “modernidade”, é também local de degradação, onde os trabalhadores rurais eram submetidos à moradia e alimentação de baixa qualidade, levando uma vida insalubre, responsável pela má formação física das crianças. O uso da palavra “terrível” sintetiza a imagem negativa que as memórias do narrador constroem sobre o país vizinho e o trabalho rural ali desenvolvido, ao mesmo tempo em que tenta nos sensibilizar sobre como sua vida era árdua e inviável ali.

Um diferencial da narrativa de Juarez, com relação à de Paulo, é que o primeiro também trata o convívio interpessoal como parte da negatividade do país vizinho. Ao relatar sobre a vida na cidade de Hernandarias, destaca que os paraguaios não gostavam de brasileiros, entendendo que tal questão era decorrente de resquícios de conflitos com o Brasil – como a Guerra da Paraguai, também chamada de Guerra da Tríplice Aliança –, em que os paraguaios saíram derrotados:¹⁰

(...) Quando eu fui morar em Hernandarias, eu tive amigo paraguaio, assim, [pausa] mas na verdade ele é amigo seu assim... tem que ficar sempre esperto com ele, sabe, porque eu não, deve ser por causa dis, é... um problema histórico, né, por causa de guerras que o Brasil teve com eles, assim, ganhou deles [pausa] e... eles são teus amigos, mas, na primeira oportunidade que eles tiverem pra te... fazer alguma coisa de mal, eles fazem. Não vou dizer todos, mas pelo menos as pessoas com quem eu convivi foi assim. Eles são... bastante vingativos, assim, e, tive amigo, mas quando você pensava que, não podia contar com ele, assim. Eles [pausa] e... ainda mais assim, ó[lha]: se, se tu tem um amigo paraguaio, está você e ele só, tudo bem, daí chega mais uns dois, paraguaios, assim, daí eles começam já tramar [risos] contra, contra você, tem que ficar esperto, nesse sentido aí.

¹⁰ A guerra é o grande marco da história do Paraguai, entendido como a razão fundamental do declínio econômico e político deste país. Também é compreendido como o princípio dos latifúndios – com a venda das terras estatais para empresas de capital estrangeiro, imposta pelos países vencedores – e da desnacionalização das terras paraguaias. Sobre a Guerra da Tríplice Aliança e sua relação com os conflitos entre paraguaios e brasileiros no período contemporâneo, ver: ALBUQUERQUE, 2005.

O narrador expressa as tensões entre brasileiros e paraguaios não somente por meio do conteúdo da fala, mas também pela forma como narra: efetuando diversas pausas, pensando naquilo que irá dizer, rindo de situações relatadas como forma de demonstrar que desse contexto não resultavam atos de violência deliberada. Como fica evidente, tais embates também não impediam o convívio e as relações, até de amizade, entre brasileiros e paraguaios, embora o narrador entenda que, mesmo em se tratando de amigos, era necessário tomar cuidado com os naturais do país vizinho. Portanto, o paraguaio é visto como o “outro”,¹¹ sujeito cuja índole é duvidosa, e com quem se deve evitar interagir ou tomar precauções.

Sabemos que a situação na fronteira é bastante tensa, pois existem críticas de setores políticos e de movimentos sociais quanto à presença brasileira naquela região do Paraguai, principalmente no tocante ao grande número de latifúndios sob o domínio de “brasiguaios”, em uma região muito fértil, enquanto grande parte da população nativa daquele país encontra-se sem terra para trabalhar. Além disso, como aponta Baller (2008), a presença brasileira em uma região de fronteira suscita debates quanto à soberania paraguaia sobre parte importante de seu território.

Também é preciso observar como parcela dessas populações brasileiras resistiu a se integrar à sociedade paraguaia, aprendeu muito rudimentarmente os idiomas locais e permaneceu ligada às cidades do lado brasileiro da fronteira. Isso revela como tais sujeitos se colocam perante os moradores daquele país, negociando identidades, interagindo com eles, porém, sem deixar de nutrir preconceitos sobre os mesmos.

Por outro lado, percebemos que Juarez procura enfatizar que, apesar de ter crescido no país vizinho, não se tornou paraguaio. Assim, admite as relações estabelecidas com os paraguaios, mas evidencia que preservou elementos identitários brasileiros. Esse movimento, em seu relato, possivelmente procura reafirmar o direito de *retornar* ao Brasil, em uma atitude política, contida em sua fala.

Todos esses elementos confluem para demonstrar a não identificação de Juarez com aquele lugar e a inviabilidade da permanência em além-fronteiras:

É... daí nessa época minha mãe veio tratar, tratar ele [o irmão de Juarez] aqui, daí foi onde a gente, acabou... tendo a oportunidade de vir para o Brasil, eu sempre sonhava em vir morar para o Brasil. (...). [Eu] Não conhecia o asfalto, a [querendo rir] minha mãe quando veio para o Brasil, falava assim: “Ó[lha], o asfalto é lisinho, o asfalto é,

¹¹ A relação “nós” e “outros” é trabalhada por Norbert Elias a partir dos conceitos “estabelecidos” e “outsiders”. A esse respeito ver: ELIAS, 2000.

mesma coisa de um ferro de passar roupa”, porquê lá o ferro de passar é... ferro com brasa dentro. “Assim, ó[lha], assim, ó[lha]”, vira[va] o ferro, assim, “a parte, lisa do ferro é igual [a]o asfalto”, [querendo rir] ela falava, [e os filhos diziam:] “puxa, mas que coisa interessante”. Daí ela falava: “lá os carros andam super rápidos no asfalto, tem que cuidar quando atravessa a rua”, daí a gente ficava com aquela curiosidade, de vir para cá, tudo é novidade, e... até que... [risos] acabamos vindo aí.

Na passagem acima, notamos que as memórias de Juarez também projetam sobre o leste do Paraguai uma imagem de *atraso*, relacionada à infraestrutura do país. Esse elemento é muito perceptível quando afirma que somente veio a conhecer o asfalto quando se mudou para Santa Helena. Sabemos que no período em que Juarez viveu no leste do Paraguai as rodovias dessa região não se encontravam pavimentadas, porém, ainda na adolescência, o entrevistado teve contato com vários centros urbanos, entre eles *Ciudad Del Este*, um dos maiores polos turísticos de compras do mundo. É difícil crer que ele não tenha conhecido o asfalto ainda quando residia além-fronteiras. Trata-se, portanto, de mais um elemento que compõe o enredo de *desenvolvimento* que Juarez projeta sobre o Brasil, em contraposição a uma suposta *precariedade* do leste paraguaio.

Isso não significa que ele esteja mentindo, mas que sua memória, constituída em meio a embates e relações experimentadas socialmente, produziu um movimento de contraposição, situando o Brasil de um lado e o Paraguai de outro. Sobre essa questão, Janaína Amado (1995) destaca que aquilo que muitas vezes o pesquisador entende como “mentira”, se trata de memórias que – em movimentos nem sempre conscientes – lidam com os referentes culturais do grupo social em que o narrador se insere. Além do trabalho de Amado, já existe bibliografia considerável que discute tal assunto, no âmbito da história oral,¹² nos revelando a necessidade de se problematizar aquilo que, aparentemente, seriam “equivocos” de uma narrativa.

Entendemos que, no caso de Juarez, as imprecisões de seu relato se referem à necessidade de afirmar que sua presença em Santa Helena não resulta apenas de escolhas, mas de uma situação (pretensamente) insustentável de vida e trabalho no leste do Paraguai. Não se trata, porém, de argumentação voltada apenas para convencer outras pessoas, pois Juarez acredita naquilo que fala. Suas palavras resultam de um processo de construção de uma dada memória do país vizinho, com base em experiências de pobreza e de trabalho árduo, vividos lá, as quais o influenciaram na construção de suas recordações pessoais.

¹² A esse respeito ver: PORTELLI (1993) e CARDOSO (2004).

Todavia, para entendermos o porquê dele construir suas memórias dessa maneira, precisamos prestar atenção nas relações sociais que ele experimentou ao longo da vida, a partir das quais ele produz suas recordações. Como frisamos, em certos aspectos seu depoimento se assemelha ao de Paulo, que, vale destacar, era seu amigo e com quem seu irmão trabalhava. Isso indica que tal estilo de narrar a vida do outro lado da fronteira (ressaltando as dificuldades lá vividas) é compartilhado por “brasiguaios” retornados ao Brasil, sendo uma prática comum entre parcela deles. Essas versões são constantemente rememoradas e atualizadas por meio das conversas cotidianas e informais, criando padrões sobre o que lembrar e como narrar a vida no outro país.

Diversos autores¹³ nos mostram como as narrativas orais tratam de lembranças que não foram simplesmente cristalizadas no passado, mas que são constantemente reelaboradas, por meio de processos compartilhados com outras pessoas e meios instituintes de memórias, que, em certos casos, resultam na construção de padrões narrativos e de rememoração. Entendemos que desses aspectos deriva o hábito de narradores, como Paulo e Juarez, de se utilizarem das lembranças negativas da vida levada no Paraguai para afirmar suas presenças em Santa Helena, em um movimento pouco visível, mas efetivo, articulado por tais sujeitos em seu cotidiano, para conquista de espaço na cidade, como veremos na seção a seguir. Portanto suas narrativas não são um atestado de um Paraguai pouco desenvolvido, mas parte de um movimento político de afirmação desses sujeitos, em seu reingresso na sociedade brasileira.

O retorno ao Brasil: a caminho da cidade

Como já afirmamos, Paulo e Juarez deixaram o Paraguai na década de 1990, sendo que a mãe e os demais irmãos do segundo narrador já haviam emigrado um ano antes, restando no Paraguai apenas ele e o pai. Esse foi um período de grandes mudanças para o município de Santa Helena, pois, de um contexto extremamente recessivo, cujo ápice foi a década de 1980, a cidade passou a contar com novos recursos, representados pelo pagamento dos *royalties* de Itaipu, a partir de 1992.

O retorno dos trabalhadores “brasiguaios”, em ambas as situações, envolvia conflitos, uma vez que, no primeiro quadro, os recursos e postos de trabalho existentes eram poucos e precários, sendo que o afluxo de migrantes acirrava ainda mais as

¹³ A esse respeito ver: PORTELLI (1996, p. 126-129) e THOMSON (1998, p. 282-283).

disputas por espaço na sociedade. Na segunda situação, existiam maiores recursos, porém, regionalmente se questionava quem teria direito de usufruir da riqueza trazida pelos *royalties* pagos por Itaipu. Cada um dos narradores escolhidos para este trabalho se inserem em um desses contextos, Juarez no primeiro e Paulo no segundo.

Paulo, ao mudar para Santa Helena, passou a atuar na construção civil – setor aquecido com os novos recursos que aportaram no local – enquanto sua ex-esposa trabalhou como empregada doméstica. Ele apresenta essa cidade, no Brasil, como algo oposto à Vila Procópio, no Paraguai, pois, em suas palavras, ao emigrar deste país, sua vida mudou da “água para o vinho”:

Olha. De, de cara, aqui em Santa Helena foi... assim, no caso, foi... foi um pouco difícil, né, não muito difícil, já bem melhor do que o Paraguai, né, Nossa! Mais ou menos um... sessenta por cento já melhor [riso] do que o Paraguai do que [pausa] aqui em Santa Helena, Graças à Deus, fome a gente nunca passou [em Santa Helena]. Sempre... comendo... assim... apesar que o que você ganha de dia, de repente você gasta de noite, mas... é... o custo de vida, aqui mudou bem, da água para o vinho. A gente, é... economizava, o máximo. É... mas, foi indo devagarinho, a gente, conseguiu, que nem... trabalhei um ano, né, ganhando menos, depois dobrou o [meu] salário, então... melhorou, Nossa! Cem por cento, né. E... hoje a gente continua ainda... trabalhando, lutando, né [...]

A despeito de Paulo e sua ex-esposa continuarem sendo trabalhadores pobres, a visão dele sobre a mudança é positiva, argumentando que não mais passaram por privações como aquelas experimentadas outrora. Depois de um ano, deixou de ser servente de pedreiro, assumindo outros postos, razão pela qual seu salário também aumentou, fator que contribuiu para melhorar sua qualidade de vida. O momento em que ele narrava também colaborava para um olhar otimista sobre sua trajetória – pois já havia ascendido profissional e socialmente –, e assim procurava construir a noção de que possuía uma trajetória de sucesso, na cidade.

Além disso, para Paulo, transferir-se do leste do Paraguai para o Oeste do Paraná significou não apenas uma mudança no local de moradia, mas também nas suas maneiras de viver, também observadas de maneira positiva:

Aqui em Santa Helena a... bom, que nem eu falei para você: [minha vida] mudou da água para o vinho, porque... aqui é tudo que é coisa aqui é melhor. Aqui a gente tem... para começar a gente tem uma casa descente, quando eu cheguei, eu alugava a pecinha mais perebenta [ruim] que tinha. Porque eu ganhava muito pouco [...]. Então... só que aqui é totalmente diferente, aqui a gente tem... uma geladeira, se você quer tomar água gelada, é... [tosse] você, é... tem luz elétrica, pode ter

uma televisão, pode ter um... aparelho de som, né. E lá no Paraguai a gente não tinha nada disso, lá no Paraguai... era uma bateria, uma televisãozinha preto e branca, a... tocado com bateria. Então você assistia até que tinha carga na bateria. [...] E... luz elétrica lá não tinha, então... você, quando era para a gente... cozinhar um feijão, você cozinhasse o feijão, tinha que salgar ele bem salgado, para ele não estragar. Ou, cozinhar, né, [para] cada refeição tinha que cozinhar [o feijão]. Você comprava uma carne, você ti, não podia comprar muita carne, comprava... mais ou menos dois quilos por aí, tinha que cozinhar toda ela, ou então fazer charque [...]. E aqui não, aqui a gente vai em, é... tudo pertinho, né, se você quiser ir, cada refeição se [você] quiser ir lá no mercado comprar um... pedaço de carne você vai. E... a gente, mas geralmente a gente, compra, traz, põe na geladeira e deixa na geladeira, cada refeição a gente, faz ela do jeito que achar necessário. [Se] quiser frita, [se] quiser... com molho, [se] quiser... assada, né, que... aqui é muito bom.

Ele verifica como positivo o maior acesso ao consumo e à infraestrutura que passou a usufruir no Brasil, a qual se queixava por não ter tido acesso, quando vivia no Paraguai. Assim, Paulo compreende que, em Santa Helena, apesar do trabalho árduo e das dificuldades também ali vividas – principalmente nos primeiros tempos de sua instalação na cidade – sua vida passou a ser mais confortável.

Entretanto, mais do que contrapor um Paraguai “arcaico” ou “atrasado” a um Brasil “progressista”, o narrador revela o modelo de agricultor que gostaria de ter sido, e que não conseguiu realizar, nem no Paraguai, nem em Rebouças, no Brasil. Vale frisar que, no Oeste do Paraná, diversos projetos da ditadura militar procuraram efetivar os ideais de um Brasil desenvolvido. Conforme aponta Langaro (2012), a partir do final da década de 1960, verificou-se, na região, uma série de obras de infraestrutura, como a urbanização das principais cidades do Oeste, o asfaltamento de rodovias e a penetração das companhias estatais de energia e saneamento sobre a região.

Os dois grandes projetos do regime, na região, foram a “mecanização” da agricultura e a construção da usina hidrelétrica de Itaipu. A “modernização do campo” consistiu na adoção de máquinas e insumos químicos na produção agrícola – a partir da década de 1970 – que, de forma preponderante, deixou de ser voltada à subsistência das famílias que habitavam a região e passaram a se destinar à comercialização. Ainda de acordo com Langaro (2012), esse processo não se resumiu à mudança de técnicas agrícolas, mas também implicou em transformações nos modos de vida das populações rurais, com a chegada de novos meios de comunicação ao campo, da eletrificação rural e de novos padrões de consumo e de acúmulo de capitais, os quais nem sempre foram

interpretados como negativos, mas como algo que atendia aos anseios desses moradores das zonas rurais da região.

Entretanto, a chamada modernização do campo gerou diversos processos de exclusão social. Conforme apontam Schloesser (2000) e Schreiner (1997), a adoção de novas técnicas de produção possibilitou aos agricultores proprietários o cultivo de áreas maiores, dispensando trabalhadores rurais não proprietários (como arrendatários e parceiros agrícolas). Além disso, em áreas muito diminutas não compensava financeiramente a adoção das novas tecnologias, ocorrendo a venda desses pequenos sítios, por seus proprietários, que se dirigiram para as cidades ou para outras regiões.

Paralelamente à exclusão de pequenos produtores rurais e de trabalhadores não proprietários, efetuada durante a “modernização do campo”, verificamos na região, entre fins da década de 1970 e início da década de 1980, a construção da usina hidrelétrica de Itaipu, que muito contribuiu para tornar esse quadro ainda mais agudo em municípios ribeirinhos ao Rio Paraná, como Santa Helena. Isso porque, para a construção do reservatório da usina, somente no lado brasileiro foram desapropriadas 8.519 propriedades, sendo 1.606 urbanas e 6.913, rurais (LIMA, 2006, p. 339). Tal quadro resultou em milhares de agricultores que tiveram que se deslocar para outras regiões, como foi o caso da própria família de Paulo. Conforme aponta Fochezzatto (2002), contribuiu para tal processo os valores pagos por Itaipu aos proprietários desapropriados – abaixo dos valores de mercado –, e a recusa do Estado em realizar o reassentamento assistido desses sujeitos, conforme reivindicavam os movimentos sociais que se formaram, em defesa dos interesses dos agricultores e demais afetados por tal empreendimento.

Paulo pertence a uma dessas famílias de pequenos produtores rurais que, com grandes dificuldades, procurou permanecer no campo. Entretanto, ele aspirava entrar para o rol de produtores rurais bem-sucedidos que, além da propriedade rural e dos implementos agrícolas, acumulavam capitais e tinham acesso a bens de consumo, sendo cidadãos dos estratos médios da sociedade. Esse modelo de agricultor representa aquele que se adaptou à modernização agrícola, que no Oeste do Paraná, além de formar os estratos medianos da sociedade, mesmo quando residem no campo, possuem acesso à energia elétrica, telefonia celular, *internet* e outros bens de consumo e serviços, sendo essa a concepção de modernidade de Paulo.

A dinâmica de deslocamentos do narrador, pela fronteira, portanto, implica toda uma relação entre campo e cidade, que envolvem projetos para o meio rural. Na

impossibilidade do campo lhe oferecer as condições de vida almejadas, o trabalho urbano, na construção civil, surgiu como alternativa.

Assim, ele compreende o retorno ao Brasil como uma melhora significativa em sua qualidade de vida. Diante disso, o período vivido no país vizinho, em uma região de colonização recente, cuja infraestrutura ainda estava em construção, é lembrado por Paulo como um tempo de privações.

Em determinadas passagens, o narrador explicita que as dificuldades vividas no Paraguai se relacionavam menos com o fato de viver no país vizinho e mais com a falta de infraestrutura da região específica de Vila Procópio, onde residiu:

...se fosse [para ter morado] talvez, que nem na *Ciudad Del Este*[,] se fosse... é... Hernandarias[,] é muito fraquinho também, [se] fosse quem sabe na *Ciudad del Este* até que dava para encarar, ou, de repente, também, se a gente tivé, tivesse entrado com mais recursos...

Nesse momento, Paulo destaca, novamente, as dimensões de classe que permearam sua experiência no leste do Paraguai, as dificuldades de manter-se naquele local sendo um pequeno proprietário rural, detentor de poucos recursos para investir na produção, o que o diferencia de outros “brasiguaios” – médios e grandes proprietários – que foram para aquela região dotados de capitais. Por outro lado, o narrador explicita suas expectativas em relação ao meio urbano, levantando a hipótese de que talvez a mudança para o Paraguai tivesse sido bem sucedida caso houvesse se dirigido para *Ciudad Del Este*, capital do departamento de Alto Paraná e a segunda maior cidade paraguaia,¹⁴ por entender que ali poderia ter obtido trabalho urbano, o qual não demandaria capitais para investir, como a produção rural.

Entretanto, o quadro negativo traçado pelo narrador sobre a vida no Paraguai, possui sentidos e, em certos momentos, assume contornos dramáticos, como quando afirma que passou fome no leste do Paraguai, tema que é tabu para quase todas as pessoas com quem dialogamos na pesquisa.¹⁵ Como deixou explícito em sua narrativa, ele também viveu dificuldades semelhantes em Rebouças, no centro-oeste paranaense, porém confere ênfase à escassez de alimentos enfrentada no país vizinho, descrevendo tal experiência com riqueza de detalhes. Podemos afirmar que, embora Paulo tenha

¹⁴ *Ciudad Del Este* possui aproximadamente quatrocentos mil habitantes (Disponível em: <www.portalbrasil.net/americas_paraguai.htm> Acesso em: 04 jun. 2013) e é um grande centro comercial e financeiro paraguaio.

¹⁵ Por serem agricultores, admitir ter passado fome é assumir o risco de ser visto como quem não trabalhou com zelo no campo, não tendo sido eficiente na produção de alimentos nem mesmo para consumo próprio, valores nutridos pelas populações rurais do Oeste do Paraná.

passado por dificuldades nos diferentes locais em que morou, é nos relatos sobre o Paraguai que as privações assumem a centralidade da narrativa.

Cabe-nos analisar o porquê desse tipo de construção e, para tanto, precisamos considerar outros fatores que permearam a mudança de Paulo do Paraguai para o Brasil. Nas pequenas cidades do oeste paranaense existe todo um contexto de rejeição dos trabalhadores “brasiguaios” – tanto daqueles que transpõem a fronteira esporadicamente como aqueles que retornam para se fixar nas cidades brasileiras – sob argumento de que eles sobrecarregam os serviços públicos, como os de saúde e de assistência social, e aumentam a violência e criminalidade nas periferias das cidades.

Nesse sentido, entendemos que as construções narrativas, como as de Paulo, procuram afirmar sua presença em Santa Helena, explicando sua mudança do país vizinho não como uma escolha – o que de fato foi, uma vez que fica muito claro como ele foi o sujeito na decisão de migrar – mas como resultado de um quadro de adversidades. Portanto, seu relato dialoga com o preconceito que incide sobre os “brasiguaios” no Oeste do Paraná, procurando construir a noção de que esse grupo possui o direito de viver e ter seu espaço em Santa Helena, em virtude de seus membros terem sofrido diversas agruras no país vizinho, acabando por ter de deixá-lo, como se tal decisão tivesse ocorrido independentemente de suas vontades.

O movimento de construção de noções de direito ao lugar empreendido por Paulo fica muito evidente quando ele destaca que seus pais – oriundos do estado do Rio Grande do Sul – chegaram a Santa Helena no período de colonização, frisando o trabalho deles na derrubada da mata e evocando, assim, temas e marcos cristalizados nas memórias da fundação do município. Com tal narrativa, Paulo reivindica para a sua trajetória todo o prestígio socialmente construído em torno dos “pioneiros”, tidos como fundadores do município e da região. As memórias dele, portanto, possuem sentidos políticos que o permitem afirmar sua presença na cidade e disputar espaços nessa sociedade.

Juarez, por sua vez, também projeta uma imagem negativa sobre o Paraguai procurando construir a legitimidade do retorno de sua família para o Brasil. Isso ocorreu em fins da década de 1980, em num contexto recessivo nacional e local e em condições bastante adversas, conforme veremos:¹⁶

¹⁶ A década de 1980 foi marcada, nacionalmente, pela carestia e pela hiperinflação, enquanto localmente se viviam os impactos negativos das políticas públicas do período ditatorial, como a modernização do

(...) meu irmão, o Mauro, (...) ficou doente, ele tinha um problema de reumatismo. Daí... ele veio se tratar, aqui no Brasil e... na casa da Dona [nome omitido pelo autor], uma mulher que tinha uma farmácia no Paraguai. E a minha mãe sempre vinha ver ele (...). Na época, estavam fazendo o... o mutirão [conjunto habitacional], (...) o pessoal [dos órgãos competentes] estava fazendo inscrição para quem precisava, é... quem quisesse ter casas, e... só que essas casas só eram dadas para as pessoas que moravam aqui no Brasil. Daí a dona [omitido pelo autor], que é uma mulher legal, falou para a minha mãe: “Ó[lha], por quê a senhora não faz a inscrição?”, daí minha mãe falou assim: “Não, não posso fazer porque eu... moro no Paraguai”, daí ela falou: “Não, vamos falar que a senhora mora na minha casa, lá, e... e... se eles precisarem ver se a senhora realmente mora lá, a gente monta alguma coisa, fala que é sua a mudança” e daí fizeram assim, ela fez a inscrição, o pessoal foi lá, ver se ela morava no Brasil, fizeram uma vistoria, [entenderam que] morava. (...)

Como depreendemos da narrativa, a mãe de Juarez acompanhava o filho mais velho, que estava hospedado na casa de amigos no Brasil para fazer tratamento médico contínuo.¹⁷ Contando com a solidariedade da amiga e ex-moradora de Vila Procópio, ela disputou uma casa no conjunto habitacional que seria construído em regime de mutirão em Santa Helena. Mesmo sem ter direito a esse benefício, de acordo com as normas que estabeleciam os critérios para a distribuição das casas, ela improvisou meios para alcançar esse objetivo e realizar a expectativa de deixar o território estrangeiro.

Entretanto, as dificuldades enfrentadas por Juarez e sua família, conforme ele relata, não cessaram com a mudança. Ao chegarem a Santa Helena, eles se depararam com toda uma situação de pobreza e com a necessidade de improvisar a sobrevivência no novo lugar, aproveitando os escassos serviços que esse pequeno núcleo urbano lhes oferecia, como o trabalho volante, também conhecido como “boia-fria”:

Ó[lha], dos doze anos, doze anos[,] quando eu vim para cá, eu tinha, mais ou menos, onze para doze nos, daí trabalhei... um ano, um ano e meio [pausa] nessa função, aí, boia-fria. Eu me lembro que a gente, saía de manhã cedo, saía cinco da manhã, por exemplo, seis da manhã, e... no tempo do frio (...). E a gente ia no tempo do frio fazer esse serviço, a gente chegava na roça, assim, os milhos estavam todos brancos, os milhos estavam todos brancos de geada, sabe, a gente tinha que... chegava lá mal, já, daí, muitas vezes a gente não aguentava trabalhar, daí o cara tinha que fazer um fogo lá, improvisado, a gente se esquentava um pouco as mãos, e... oit[o], sete e meia, oito horas, começava a trabalhar. Não usava luva, as mãos tu

campo e a construção do reservatório da usina hidrelétrica de Itaipu, que causaram uma drástica diminuição populacional no local, contribuindo para o aprofundamento do quadro geral de crise.

¹⁷ No Leste do Paraguai, o tratamento médico é mais restrito, sendo os hospitais situados geralmente em centros maiores, mais distantes que as cidades brasileiras da fronteira, não existindo, também, serviços de saúde públicos e gratuitos.

não sentia os dedos, porque tinha que catar aqueles milhos todos congelados, fazer os montes dele... e... daí pegava, era um serviço terrível, era um serviço terrível. Muitas vezes com chuva, sabe, a minha mãe estava grávida, ela... ia junto com nós colher algodão, por exemplo, assim, é... grávida de uns...cinco, seis meses, já, e... o algodão você tem que amarrar uma bolsa na cintura, daí você vai colhendo o algodão, assim, e vai colocando [inaudível, parece ser “dentro”] daquela bolsa, e daí, e daí, é uma bolsa grande, você vai arrastando ela [pausa] você vai andando, e vai enchendo ela, daí ela vai ficando cada vez mais pesada, você tem que... [arrastá-la] até o ponto que você não aguenta mais, você tira aquela bolsa e coloca outra, depois você vai, pega aquelas bolsas menores e faz um fardo, soca [coloca] tudo numa bolsa maior e o cara [o chefe] vem e pesa, né, e ela grávida, fazendo esse serviço, assim, e... quando a gente vinha embora, à noite, muitas vezes chovia, daí ela ela, é, é tomava, chuva, se molhava toda, é... no inverno, daí o pessoal pegava, para esquentar comprava bebida, pinga, mesmo, assim... [riso] em litro, daí [o] pessoal em cima do caminhão tomava para se esquentar, inclusive ela, também, sabe, n...não era, ela nunca, bebia, mas... a necessidade, frio, tudo aquilo lá, acabava... a gente, até eu de menor ainda, acabava tomando, aquilo lá, assim, para tentar... se aquecer. E... não sei como que a gente não ficava doente, assim, [voz mais baixa] [inaudível, parece ser “por”] passando por uma, situação, dessa daí.

Nesse momento, suas memórias se diferenciam sobremaneira da narrativa de Paulo. Enquanto este afirmava que sua vida “mudou da água para o vinho”, ao cruzar a fronteira, os relatos de Juarez apontam para melhorias sem, no entanto, deixar de mencionar as duras condições de vida e labor que a família também encontrou em Santa Helena. No fragmento citado acima, as lembranças do trabalho volante, realizado no meio rural do município, caracterizam o serviço como extenuante e degradante. Tal atividade é recordada a partir de uma situação vivida no inverno, quando a mãe do narrador se encontrava grávida e todos enfrentavam o frio em meio às plantações, saindo de casa para trabalhar ainda de madrugada e procurando se aquecer com a ingestão de bebida alcoólica. Ao relatar essa prática, Juarez faz questão de ressaltar, novamente, a situação de sua mãe – grávida – e a menoridade dele e de seus irmãos, chamando a atenção para a potencial insalubridade daquele ambiente. Nesse aspecto, a vida e o trabalho no novo local não se diferenciavam muito daquele quadro narrado por ele sobre o Paraguai, indicando para as dimensões de classe das experiências negativas vividas tanto em terras estrangeiras como em terras pátrias.

Diante disso, notamos um duplo movimento nas memórias de Juarez. Primeiro ele enfatiza os aspectos negativos da vida no Paraguai, a fim de mostrar como era necessária a mudança para o Brasil, colocando a si e sua família, portanto, como merecedores dos benefícios sociais públicos existentes neste país. O outro movimento

corresponde à demonstração das dificuldades do trabalho rural – nas condições precárias experimentadas por ele e sua família –, apresentado como um conjunto de tarefas desumanizadoras que não traria um futuro promissor aos jovens, expondo-os antes a situações insalubres.

Nesse caso, não apenas a residência no Paraguai era vista como um fator que limitava a conquista de melhores condições de vida, por Juarez e sua família, mas o próprio trabalho rural. É por isso que a mudança para Santa Helena não representou, de imediato, uma transformação mais profunda nas difíceis condições de vida do narrador, o que ocorreria somente anos mais tarde, ao se profissionalizar como eletricista, atividade em que muito investiu, fazendo vários cursos e chegando a cursar nível superior na área. É interessante observar que, nesse aspecto, a única atividade rural não apresentada de maneira negativa por Juarez é o trabalho na chácara de um senhor que o ajudou a encontrar seu primeiro emprego em uma empresa de materiais elétricos, onde acabaria por se tornar eletricista, ou seja, uma experiência de trabalho rural que lhe serviu de porta de entrada para aquela profissão.

As memórias de Paulo e de Juarez têm em comum revelar as dimensões de classe e as relações estabelecidas com o rural e o urbano, que permearam suas experiências de vida na fronteira. Ambos se consideram pessoas bem sucedidas e se identificam com o trabalho urbano, desenvolvido em Santa Helena. Como tal, ao realimentar estereótipos sobre o Paraguai, o fazem para construir uma paisagem de adversidades que, graças ao seu esforço e trabalho – nas perspectivas que assumem em seus relatos –, foram superadas, além de terem sido responsáveis por seu retorno ao Brasil. A principal diferença, no entanto, reside no fato de que, para Paulo, a mudança para Santa Helena é o grande marco de melhorias em sua vida, enquanto para Juarez isso se efetivaria não propriamente com a mudança, mas anos mais tarde, com sua profissionalização como eletricista e com a conquista de sua independência, com relação à família.

Considerações finais

Portanto, paralelamente às questões nacionais, emergentes com as caracterizações e imagens projetadas sobre Brasil e Paraguai, existem outras, vinculadas às relações campo e cidade. Como aponta Williams (1989), ao analisar a literatura britânica, campo e cidade não são noções estáticas, mas construídas historicamente em meio à experiência social. O autor afirma que, em certos momentos, o campo era revestido de

imagens de *atraso* ou de lugar *bucólico*, enquanto a cidade era observada como lugar de *degradação* ou *progresso*, dependendo das relações sociais e dos embates em que os diferentes literatos se inseriam no momento histórico em que produziam suas obras.

Nos casos de Paulo e Juarez, as imagens que eles constroem sobre Brasil e Paraguai e sobre trabalho rural e urbano confluem para mostrar o porquê da inviabilidade de permanecer em uma região rural do país vizinho, bem como suas razões para se identificar com o urbano, escolhendo profissionalizar-se como construtor e eletricitista, respectivamente.

Porém, devemos observar que os narradores operam esse movimento em uma cidade e região que rejeitam socialmente os trabalhadores “brasiguaios”, ainda que sejam falantes de português e tenham nascido no Brasil ou até mesmo em Santa Helena. Dessa maneira, notamos que os narradores utilizam suas memórias para constituírem-se como cidadãos e como portadores de direitos no lugar em que moram.

Nesse sentido, vale observar a concepção de identidade nacional trabalhada por Stuart Hall, para quem ela não existe isoladamente, mas em interação com outras formas identitárias:

Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo “unificadas” apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural. (HALL, 2011, p. 62).

Essas “divisões e diferenças”, por sua vez, seriam as outras identidades componentes da realidade social, como as de classe e gênero. No caso estudado, percebemos que as identidades dos narradores emergem não apenas das relações entre países vizinhos, ou étnicas, mas também das de classe e de ordem rural-urbano. Mesmo o sentido nacional é algo negociado, pois os narradores procuram reforçar a identidade brasileira, silenciando sobre as relações mantidas com os paraguaios.

Além dessas questões, a pesquisa deparou-se com um sentido político contido nas memórias de narradores como Paulo e Juarez. As imagens de um Paraguai *atrasado*, *hostil* e de um Brasil como *lugar de futuro*, se por um lado instituem esses locais como “comunidades imaginadas” (ANDERSON, 2008, p. 32) e estão relacionadas com o nacionalismo brasileiro na fronteira, por outro, revelam memórias de pessoas que atuaram na zona fronteira como pequenos agricultores ou trabalhadores rurais não

proprietários. São, portanto, memórias construídas em uma experiência social calcada na vida e no trabalho do campo.

Ademais, tais significados atribuídos a ambos os países, apontam para o caráter ativo das narrativas dessas pessoas, pois rebelar-se e resistir abertamente ao preconceito e à rejeição sofrida pelos trabalhadores “brasiguaios” pode ser um caminho muito difícil para esses sujeitos construírem seu espaço na sociedade local. Por isso, reafirmar preconceitos, deixando de questionar os valores dominantes no lugar, para reafirmar os estereótipos do ser brasileiro na fronteira, pode aparecer como alternativa para essas pessoas, na tentativa de ocupar os lugares sociais que lhes são possíveis, o que por si já gera tensão e disputas por espaços.

É nesse sentido que o presente trabalho revela como a memória é um componente ativo do social, não sendo, de forma alguma, apenas registro (distorcido) *do que aconteceu*, mas algo gerado em meio a relações sociais e disputas políticas cotidianamente travadas, no tempo presente.

Por outro lado, entendemos que as imagens negativas sobre o Paraguai, que circulam por meio das memórias e narrativas orais dos “brasiguaios” – apesar das semelhanças de conteúdo – se diferem daquelas veiculadas pela mídia. Enquanto estas buscam realimentar processos hegemônicos (WILLIAMS, 1979) e relações de poder que submetem o país vizinho – principalmente sua população trabalhadora, que sofre mais diretamente as consequências dessa submissão – os trabalhadores “brasiguaios” se apropriam dessas imagens com o intuito de usá-las para garantir sua sobrevivência e reverter a negação de seus direitos no retorno ao Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai*. Fortaleza: UFC, 2005. (Tese de Doutorado em Sociologia).

AMADO, Janaina. O Grande mentiroso: Tradição, veracidade e imaginação em história oral. *História*. São Paulo, Unesp, n. 14, p. 125-136, 1995.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BALLER, Leandro. *Cultura, identidade e fronteira: transitoriedade Brasil/Paraguai (1980-2005)*. Dourados/MS: UFGD, 2008. (Dissertação de Mestrado em História).

CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. Narrativas de um candango em Brasília. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, ANPUH, v. 24, n.º 47, p. 163-80, 2004.

CARNIEL, Solange Maria. *O Oeste paranaense e a singularidade de São José das Palmeiras – 1969-1985*. Niterói/RJ: UFF, 2003. (Dissertação de mestrado em História Social).

ELIAS, Norbert. Introdução: Ensaio teórico sobre a relação estabelecidos-*outsiders*. In: ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. p.19-50.

FENELON, Déa Ribeiro; CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário Cunha. Introdução: Muitas memórias, outras histórias. KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. p. 5-13.

FOCHEZATTO, Anadir. *Um estudo das experiências cotidianas coletivas de resistência dos expropriados da Itaipu*. Marechal Cândido Rondon/PR: Unioeste, 2002. (Trabalho de conclusão de curso em História).

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. *Caderno estatístico: Município de Santa Helena*. 2012. Disponível em: <<http://www.santahelena.pr.gov.br/uploads/arquivos/est-santahelena2012.pdf>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2013.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. *Índice de desenvolvimento humano municipal: IDH-M 2000*. Anotações sobre o desempenho do Paraná. 2013. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/webisis.docs/idhm_2000.pdf>. Acesso em: 20 de dezembro de 2013.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL – IPARDES. *Paraná em números*. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/index.php?pg_conteudo=1&cod_conteudo=1>. Acesso em: 20 de dezembro de 2013.

ITAIPU BINACIONAL. *Royalties*. Disponível em: <<http://www.itaipu.gov.br/responsabilidade/royalties>>. Acesso em: 20 de dezembro de 2013

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KHOURY, Yara Aun. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004. pp. 116-138.

LANGARO, Jiani Fernando. Brasil e Paraguai em memórias de migrantes de fronteira (Santa Helena – PR, 1970-2005) In: *Anais do XXV Simpósio Nacional de História: "História e ética"*. Fortaleza-CE: ANPUH, 2009. (CD-ROM).

_____. *Para além de pioneiros e forasteiros: outras histórias do oeste do Paraná*. Uberlândia/MG: INHIS/UFU, 2006. (Dissertação de Mestrado em História Social).

_____. *Peregrinos e calejados: Experiências de escolarização entre as Classes Trabalhadoras em Marechal Cândido Rondon (PR)*. Marechal Cândido Rondon/PR: Unioeste, 2003. (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História).

_____. *Quando o futuro é inscrito no passado: "colonização" e "pioneirismo" nas memórias públicas de Toledo-PR (1950-2010)*. São Paulo/SP: PUC-SP, 2012. (Tese de Doutorado em História Social).

LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas**: trajetórias itinerantes de trabalhadores na paisagem social do extremo oeste Paranaense (1970-2000). Curitiba: Aos quatro ventos, 2005.

LIMA, Ivone Teresinha Carletto de. *Itaipu: as faces de um mega projeto de desenvolvimento (1930-1984)*. Marechal Cândido Rondon: Germânica, 2006.

PARAGUAI. Disponível em: <www.portalbrasil.net/americas_paraguai.htm> Acesso em: 04 jun. 2013.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*. Rio de Janeiro, UFF, v.1, n.º 2, p. 59-72, 1996.

_____. Dividindo o mundo: o som e o espaço na transição cultural. *Projeto História*. São Paulo, PUC/SP, n.º 26, p. 47-64, junho de 2003.

_____. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, e AMADO, Janaína (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 103-130.

_____. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Projeto História*. São Paulo, PUC/SP, n.º 10, pp. 41-58, dezembro de 1993.

SCHLOSSER, Marli T. S. Modernização agrícola: Um estudo de discursos jornalísticos na região oeste do Paraná (1966-1980). In: LOPES, Marcos A. (org.). *Espaços da memória: fronteira*. Cascavel: Edunioeste, 2000. Pp. 67-78.

SCHREINER, Davi Felix. *Cotidiano, Trabalho e Poder: a formação da cultura do trabalho no extremo oeste do Paraná*. Toledo: Ed. Toledo, 1997.

SILVA, Danusa Lourdes Guimarães da. *"Um pé aqui e outro lá": experiências transfronteiriças e viveres urbanos de brasiguaios (Marechal Cândido Rondon/PR – 1990-2010)*. Marechal Cândido Rondon/PR: UNIOESTE, 2010. (Dissertação de Mestrado em História).

SPRANDEL, Marcia Anita. Brasileiros na fronteira com o Paraguai. *Estudos Avançados*. São Paulo, UNESP, n. 20 (57), pp.137-156, 2006.

THOMSON, Alistair. Quando a memória é um campo de batalha: envolvimento pessoais e políticos com o passado do exército nacional. *Projeto História*. São Paulo, PUC/SP, nº. 16, pp. 277-96, fevereiro de 1998.

THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa - volume 1*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1981.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar ed., 1979.

_____. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Depoimentos Orais:

Paulo. 32 anos. Construtor. Nasceu em Santa Helena, deixando a região por volta de 1982 e retornando na década de 1990. Entrevista realizada em 09/07/2004, sexta-feira à noite, na residência do entrevistado no Bairro São Luiz.

Juarez. 27 anos. Eletricista. Nascido na região, mudou-se ainda antes de completar um ano de idade para o leste do Paraguai, local do qual retornou em 1990. Entrevista realizada em 11/07/2004, domingo à tarde, na residência do entrevistado, Conjunto Padre Martinho.

Artigo recebido em 20/8/2013

Artigo aceito em 24/1/2014